



REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

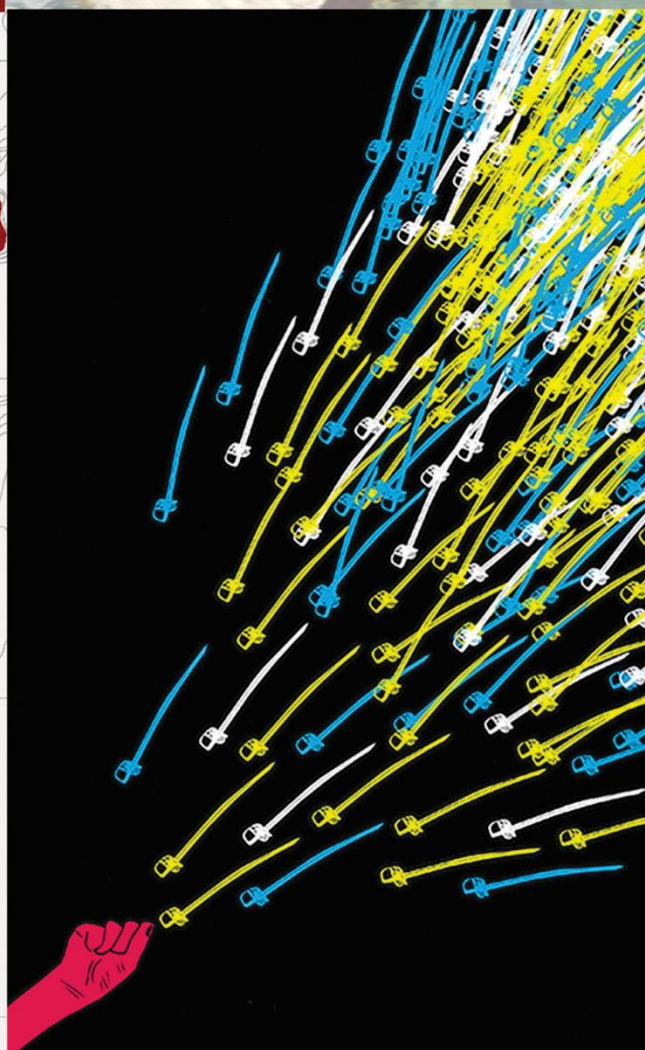
VOL. 05, Nº 2 - 3º TRIMESTRE - 2020

ISSN 2448-1793

Nº 02

Dossiê
20 anos

Curso de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Estadual de Goiás



PATRIMÔNIO E PRESERVAÇÃO: ELO ROMPIDO EM ANÁPOLIS, GOIÁS

PATRIMONY AND PRESERVATION: A BROKEN LINK IN ANÁPOLIS, GOIÁS

<https://doi.org/10.5281/zenodo.4667773>

Envio: 11/08/2020 ♦ Aceite: 28/09/2020

Lara Ferreira Amaral



Graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário de Anápolis - UniEvangélica (2018). Interesse na área de Urbanismo e Planejamento Urbano, Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo e Projeto Arquitetônico.

Mário Pinto Calaça Júnior



Arquiteto e Urbanista formado pelo Centro Universitário de Anápolis - UniEvangélica, com interesse em História da Arte, Projeto e Urbanismo, Patrimônio, Cultura e Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo.

Richardson Thomas da Silva Moraes



Arquiteto e Urbanista pelo Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica (2018). Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (PPG-FAU-UnB). Pós-graduando em Design de Interiores pelo Instituto de Pós-graduação e Graduação (IPOG-Goiânia).

RESUMO

O presente artigo busca discutir a situação da preservação patrimonial em Anápolis, em especial no setor Central. A partir de um breve apanhado histórico é revelado o contexto da atual preservação na cidade, com poucos edifícios tombados e muitos de caráter patrimonial cultural, contudo, esquecidos, subutilizados e/ou escondidos atrás de propagandas, banners, faixas, fiações e fachadas extremamente agressivas à paisagem urbana. O trabalho dá foco a esses edifícios que fazem parte da história da sociedade Anapolina, os quais, devido a um desapego pelo patrimônio, acabaram no ostracismo. Objetiva chamar atenção para o poder identitário, numa perspectiva do patrimônio para as futuras gerações e questionar como e se tem ocorrido uma educação patrimonial na cidade, visto que para se preservar algo é necessário conhecê-lo.

PALAVRAS-CHAVES: Patrimônio; memória; arquitetura; Anápolis; educação patrimonial.

ABSTRACT

This article seeks to discuss the situation of patrimonial preservation in Anápolis, especially in downtown. Starting by a historical overview, it's revealed the current context of the preservation in city, with few heritage listed and a lot with cultural heritage character, however, forgotten, underused and/or hidden behind advertisements, banners, wiring and facades extremelly aggressive for urban landscape. The article also focus on buidings that are part of the history of Anapolis' society, on which ended up in ostracism because of a patrimony's detachment. It aims to call attention to identity power, in patrimony's pespective for future generation, and question how and if has occurred patrimonial education in the city, since, to preserve, it is necessary to know.

KEYWORDS: Patrimony; memory; architecture; Anápolis; patrimonial education.

INTRODUÇÃO - SOCIEDADE, HISTÓRIA E MEMÓRIA

Ao discutir sobre cidades é possível notá-las, em essência, como espaços que abrigam indivíduos distintos. Indivíduos estes com todas suas particularidades – crenças, desejos e etc. –, em busca de um lugar democrático no qual consigam prosperar. A sociedade funciona como agente transformador das cidades, ditando histórias, adaptando-se a novos modos de vida, tornando-se palco da cultura. Essas histórias e riquezas (materiais e imateriais) perduram no tempo, da seguinte forma, como aponta Gleizer (2007):

Os homens, em nosso entender, fizeram e fazem a cidade, produto material e imaterial das relações sociais e econômicas complexas, mesmo que não saibam o que fizeram ou estão fazendo. São atores, agentes da ação social, mas nem sempre em condições de compreender a totalidade e complexidade do fenômeno em que estão inseridos e atuando. (GLEZER, 2007, p.14)

Construímos em nossas cidades essas relações sociais que moldam suas próprias imagens e identidades, sendo cada uma delas diferentes em sua natureza e evolução. Essas variadas histórias em diferentes contextos e agentes, produzem símbolos que refletem o que cada um é em determinado momento. Todos esses processos de transformações são combustíveis para a produção de história das cidades. Elas são sociais, fazem parte da cultura e a caracterizam. Entretanto, “é também particular, pois são determinados sentimentos e os valores singulares que vão sendo inscritos no espaço”, segundo Junior (2011, p.4). E é embasado nesse ato natural do ser humano de produzir memórias que se faz necessária a importância de preservar esses símbolos que retratam a identidade temporal de cada local, temporalidade esta que é resultado das características naturais e físicas de uma cidade, que segundo Barros (2007):

(...) é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a. (BARTHES apud BARROS, 2007, p.40)

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia, na procura do que as caracteriza e as distingue (LE GOFF, 2013, p.435). As memórias reproduzem a história, já que é a partir da perpetuação dos relatos que os indivíduos se sentem aptos e integrantes desse passado, formando assim a identidade cultural.

Essa identidade cultural se faz necessária dentro de um país, estado, cidade e comunidade e é produzida quando os cidadãos se dispõem a “preservar e divulgar os seus bens culturais”, dando início ao processo da “construção do *ethos* cultural e de sua cidadania” (PELEGRINI, 2006, p.116-117). Além disso, falar de memória coletiva é falar de patrimônio cultural.

Para entender como ocorre a preservação do patrimônio, tanto material quanto imaterial, na cidade de Anápolis, Goiás, o trabalho parte da ideia de que para se preservar um bem é necessário conhecê-lo, ou seja, patrimônio é campo de educação e que:

Devemos partir, por conseguinte, da constatação da existência, em nossa sociedade, de uma heterogeneidade cultural produzida por uma diferenciação das condições de existência, que se prende à estrutura de classe e resulta da reprodução de um modo de produção. Mas deve-se considerar também que esta diversidade está permeada, por sua vez, por distinções regionais associadas às peculiaridades de recursos naturais e a condições demográficas e históricas particulares que lhe dão conteúdos e formas específicas. (DURHAM, 2004, p.32)

Nesse sentido, a história da cidade goiana de Anápolis é marcada por suas variadas vocações durante o tempo e se destaca por ter obtido um rápido crescimento, que em todas suas fases de desenvolvimento fora influenciado e fomentado por sua localização entre as duas principais cidades da região: as capitais Goiânia e Brasília. Com toda a novidade desse contexto houve um anseio por destaque em meio as duas cidades, e como resultado natural das décadas de 40 e 70, o desejo pela tão sonhada modernidade adentra a sociedade Anapolina.

Esse espírito de modernização se caracterizava principalmente pelo desejo do progresso, cujo principais interessados eram grupos políticos e sociais da época que ansiavam pelo rompimento de todo o atraso. Valva e Silva (2018, p.19) afirmam que é a partir dessa necessidade de progresso e modernidade que as cidades se entregam as transformações e onde pode ocorrer o desapego e descaso com sua história e signos do passado.

Os pretextos dessas transformações são variados e podemos destacar a chegada da ferrovia na cidade – o plano chamado Estrada de Ferro Goiás (EFG) – em 1935 e a construção da mais nova capital do estado, Goiânia em 1933-1937, contribuindo diretamente para esse primeiro ímpeto de modernização acarretando novas construções de rodovias e obras de saneamento (VALVA; SILVA, 2018, p.20). Houve também a criação da nova capital do Brasil, Brasília em 1957-1960 com todos os princípios modernos que a sociedade imprimia na época e isso teve influências diretas em Anápolis, desde a concepção dos edifícios ao modo de viver. E ainda diretamente

ligado à essas transformações no estado, houve um fluxo intenso de imigrantes nesses períodos, todos em busca de uma nova e próspera permanência na cidade. Tais fatos marcaram, se estigmatizaram e se refletem na arquitetura da cidade em busca da modernidade, principalmente as reminiscências encontradas no setor Central. Contudo, é visível o descaso para com os bens, transparecendo a desvalorização de sua memória, a falta de educação e conhecimento de sua própria história, cedidas à ignorância e à força da especulação imobiliária na região. Colocando em risco esses elementos que datam o tempo, superam suas intempéries e ações e/ou desmantelamentos, ou seja, que são resilientes – resistentes frente às mais distintas ameaças – e intrínsecos à memória de um grupo.

ANÁPOLIS NA CORRIDA PELA MODERNIDADE

No decorrer de toda sua história a cidade de Anápolis teve seus edifícios transformados pelas tendências construtivas de cada época. Segundo Carvalho (2016, p.3), existiram três períodos que marcaram a produção arquitetônica na cidade: arquitetura da mineração, arquitetura da ferrovia e dos imigrantes e a arquitetura entre capitais.

A arquitetura da mineração foi marcada pela tipologia colonial, edificada em modelos tradicionais semelhantes às cidades mineradoras do século XVIII (VARGAS, 2015, P.97). O padrão descrito por Reis Filho (2004) para as casas do período do Brasil Colônia eram: edificação na parte frontal com fachada na testada do terreno; telhados com duas ou quatro águas; estrutura autônoma de madeira com base de pedra; paredes de taipa de mão ou de pilão; janelas e porta regulares em madeira (Figura 01).



Figura 01- Casa em estilo colonial onde James Fanstone iniciou sua clínica, em 1925. Fonte: Paulo Rosa, 1956, disponível em <<http://www.museuvirtual.ueg.br/documentos.html>>.

Já no segundo período a cidade passa por uma remodelagem brusca em suas casas urbanas pois na década de 1940 construtores italianos e ingleses já erguiam edifícios ecléticos, com a tipologia de casas apresentando porão alto, jardim lateral, varanda em perfis metálicos e fachadas ricamente decoradas e arrematadas por platibandas (ARRUDA; PEREIRA, 2009, p.6). Nesse último momento, as mudanças são mais visíveis tendo o estilo Art Déco como primeiro rompante (Figura 02), fato que Carvalho (2016) explicita que:

Em Anápolis, a arquitetura de linhas geometrizadas foi aplicada em galpões industriais; no conjunto abrigou a sede da administração pública, como em Goiânia; em lojas e residências. No geral, o déco imprimiu suas marcas, seja em construções novas ou em fachadas reformadas, junto a diferentes segmentos da população. (CARVALHO, 2016, p.5)



Figura 02 – À esquerda, casa com estilo eclética na Rua Manoel da Abadia, Setor Central, e à direita, Exemplar da arquitetura Art Déco na Rua Achiles de Pina, na década de 1940, demolida na década de 1970, em Anápolis, Goiás. Fonte: IBGE e Museu Histórico. Acervo Iconográfico.

No segundo rompante, devido a já mencionada construção de Brasília, vemos a influência da arquitetura modernista com traços da arquitetura de Oscar Niemeyer (Figura 03). As casas modernas na cidade são definidas por volta de 1950 e tem sua arquitetura marcante na paisagem. Arruda e Pereira (2009) apontam que:

A casa moderna anapolina possui volume simples, normalmente único, onde a platibanda esconde o telhado. A separação de funções é bem marcada, sendo o setor social o centro da casa a parte do qual desenvolvem-se os outros setores. A diversidade de revestimentos também é um elemento que esta casa anapolina partilha com residências como as de Goiânia ou do Rio de Janeiro. (ARRUDA e PEREIRA, 2009, p.10)



Figura 03 – Exemplar modernista localizada na Rua Engenheiro Portela denominada Residência Hanna Hajar (1970-1972). Fonte: Arquivo Pessoal.

Diante de todo esse cenário delineado, ainda permanecem pré-existências e/ou vestígios desses símbolos na paisagem da cidade, estando presentes, em sua maioria, no setor central e em bairros adjacentes. Nota-se que dentre todo esse arcabouço há poucos bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sendo eles: o Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho (1907); a Escola Estadual Antesina Santana (1926); Coreto da Praça James Fanstone (1926); o prédio do Colégio Couto Magalhães (1932); a sub-estação ferroviária General Curado (1935); a Estação Ferroviária Prefeito José Fernandes Valente (1935); o prédio da Diretoria de Cultura, antiga Prefeitura e Fórum de Anápolis, localizado na Praça Bom Jesus (1938); o prédio da Escola de Artes Osvaldo Verano (1947); o Mercado Municipal (1951); e a Estação Engenheiro Castilho (1951)²⁰; a Casa JK (onde em 1956 Juscelino Kubitschek

²⁰ Categorização e locação em mapa realizado por Silva (2019) em “Do edifício histórico ao espaço urbano: um estudo sobre a Estação Ferroviária no Centro Pioneiro de Anápolis-GO”.

assinou o termo de transferência da capital federal para Brasília, DF); e a Fonte Luminosa da Praça Bom Jesus (década de 1960). Contudo, mesmo sendo um grupo pequeno de bens tombados, eles apresentam carência de cuidados, maiores divulgações e políticas públicas de incentivo a uma educação patrimonial, visto que boa parte da população sequer sabe de suas existências, a ignoram ou simplesmente não se importam. Ademais, é importante salientar que além dos bens protegidos pelo tombamento, há vários outros edifícios escondidos por entre as entranhas da cidade e que passam despercebidos mas que revelam trechos importantes da história de Anápolis. Isso faz parte de uma cultura pelo desapego que perdura na cidade há várias décadas.

ANÁPOLIS: A DEGRADAÇÃO DA MEMÓRIA

Anápolis possui uma cultura de modernização enraizada em sua história, todos os aspectos, que a fizeram clamar por esse anseio pelo novo, fizeram também com que se tornasse uma cidade com pouco zelo para com seus patrimônios, em especial os edificadas. A arquitetura é uma representante do tempo e da cultura e quando não se nota essa importância de conservar essas memórias coletivas, há um enfraquecimento de laços e, principalmente, gera uma ruptura com a identidade da sociedade local (VALVA; SILVA, 2018, p.22).

Em uma das análises realizadas por Valva e Silva (2018) em arquivos audiovisuais, as autoras constataram que em todos os acervos pesquisados que falavam sobre a cidade de Anápolis e seu desenvolvimento mostravam apenas o progresso e as potencialidades econômicas, contudo, em nenhum momento remetem aos aspectos que a levaram a tais potenciais e que:

A linguagem se mantém fixada na ideia de que a cidade é promissora e chegou onde chegou por força de suas qualidades junto ao povo trabalhador, independente dos fatores regionais e do contexto em que se insere. (VALVA; SILVA, 2018, p.29)

Essa cultura do progresso tem na maioria das vezes como protagonistas os agentes econômico-financeiros e políticos que buscam a todo instante tornar as cidades

numa “mercadoria a ser vendida, num mercado extremamente competitivo, em que outras cidades também estão à venda”, segundo Arantes, Vainer e Maricato (2002, p.78). Essa mentalidade forma cidades que tem como principal objetivo a valorização econômica, e quando essa competição não tem um planejamento urbano com o devido cuidado com a maioria dos usuários, gera cidades mercadorias que são usadas por todos mas feitas pela minoria. Nesse sentido, Anápolis se tornou refém do capital tendo como principal foco o lucro e, conseqüentemente, o desapego com o passado (evidente a cada geração).

Essa mentalidade reflete na cidade e em seus edifícios. O setor central de Anápolis é o bairro que sofre com as maiores transformações, pois é onde há o maior acervo edificado e abriga o principal fluxo para o comércio. Neste centro pioneiro, os exemplares de tipologia colonial foram sendo substituídos pela arquitetura moderna, anseio das expressões na virada do século XX (MANSO; RESENDE; PEREIRA; SILVA, 2011, p.2). Os exemplares que sobraram, em maioria edificações de cunho moderno, têm a situação atual marcada pelo desleixo. Muitos foram camuflados por fachadas comerciais, outros reconfigurados à medida que fossem convenientes ao uso. O resultado dessas interferências é uma paisagem modificada que blinda a história a cidade, onde o passado e a memória não se fazem presentes (Figuras 04 a 10).



Figura 04 – Rua Aquiles de Pina na década de 30, em 2009 e em 2020, respectivamente. Fonte: Vídeo Anápolis Ontem e Hoje 1 (0.09) e Arquivo pessoal dos autores.



Figura 05 – Rua 15 de dezembro com a Rua Barão de Cotegipe, Agência Chevrolet em 1951, Posto Tremendão em 2009 e 2020, respectivamente. Fonte: Vídeo Anápolis Ontem e Hoje 2 (2.58) e Arquivo Pessoal.



Figura 06 – Rua Barão do Rio Branco em 1974, 2009 e 2020, respectivamente. Fonte: Vídeo Anápolis Ontem e Hoje 2 (3.07) e Arquivo Pessoal.



Figura 07 – Palace Hotel na Av. Goiás em 1966, 2009 e 2020, respectivamente. Fonte: Vídeo Anápolis Ontem e Hoje 2 (4.08) / Arquivo Pessoal.



Figura 08 – Sobrado na Rua General Joaquim Inácio na déc. 40, 2009 e 2020, respectivamente. Fonte: Vídeo Anápolis Ontem e Hoje 2 (6.08) e Arquivo Pessoal.



Figura 09 – Cine Santana na Rua Engenheiro Portela na Déc. 50, Shopping Santana Box 2009 e 2020, respectivamente. Fonte: Vídeo Anápolis Ontem e Hoje 2 (0.42) e Arquivo Pessoal.



Figura 10 – Rua Barão do Rio Branco com a Rua 15 de dezembro em 1944, 2009 e 2020, respectivamente. Fonte: Vídeo Anápolis Ontem e Hoje 1 (6.08) e Arquivo Pessoal.

A consequência dessa paisagem descaracterizada, além da perda da identidade coletiva, ainda possui a problemática da poluição visual que afeta a capacidade de aproveitamento tanto dos comerciantes como dos usuários, definido por Vargas e Mendes (2000) como:

(...) o limite a partir do qual, o meio não consegue mais digerir os elementos causadores das transformações em curso, e acaba por perder as características naturais que lhe deram origem. No caso, o meio é a visão, os elementos causadores são as imagens, e as características iniciais, seriam a capacidade do meio de transmitir mensagens. (VARGAS; MENDES, 2000, p.2)

As construções do centro de Anápolis são definidas como arquitetura de transição sendo ocupações antigas que anteriormente eram residências e se tornaram de interesse comercial, sofrendo transformações drásticas em suas fachadas (Figura 11). As informações em quantidade exagerada e de forma desorganizada causam irritabilidade e a absorção do objeto se torna falha. Esses imóveis modificados perdem suas características, seus elementos que os diferem dos demais, sendo padronizados em meio a tantas fachadas comerciais ou construções. O centro, que poderia ter características arquitetônicas que respeitem suas influências estéticas, hoje se vê extremamente homogêneo com perda da essência de sua paisagem e numa completa

desordem, o que segundo Vargas e Mendes (2000, p.3), transforma o edifício numa verdadeira vitrine para o negócio, visto que esse estado de abandono se infere a “necessidade de algo novo” no lugar, um rompimento com o tradicional.



Figura 11 – Fachada em estilo Art Déco na Rua Aquiles de Pina e sua modificação em 2020, respectivamente. Fonte: Viviane Louza (SILVA, 2007) e Arquivo Pessoal.

As imobiliárias e empreiteiras contribuem de forma substancial à perda de identidade patrimonial da cidade. No próprio centro de Anápolis, a casa localizada na rua 7 de setembro, número 756, em frente ao coreto – e que serviu de palco para a última edição da Mostra Kzulo²¹ (Figura 12) –, foi demolida a fim de atender interesses econômicos. A casa possuía uma estética relevante e se destacava na paisagem por suas características Art Déco. Ela se assemelhava tanto ao prédio do Hospital Evangélico quanto ao Coreto, obras que permanecem em adjacência à casa já demolida. Nada disso foi levado em consideração até a extinção da residência que atualmente existe apenas por documentação fotográfica. A perda desses exemplares para a cidade é grande e abre margem para que mais demolições de mesmo cunho aconteçam.

²¹ Mostra de design de interiores da cidade onde arquitetos assinam projetos para cada ambiente. Se assemelha ao evento CasaCor, contudo se restringe à cidade de Anápolis.



Figura 12 - Antiga Casa Tônico de Pina em 1937 na Rua Aquiles de Pina, demolida em 2020.
Fonte: <<http://www.patriciafinotti.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Kzulo2018-acervo-da-familia-Pina.jpeg>> e Arquivo Pessoal.

Próximo ao setor central se encontra o bairro Vila Industrial – também conhecido por Jundiá Industrial –, antigo setor fabril construído em 1944 com a finalidade de abrigar as fábricas e seus operários, tendo a Avenida JK como eixo estruturador. Em 1951 a Vila Industrial recebeu sua própria estação ferroviária, a Estação Ferroviária Engenheiro Castilho, que perdurou até 1976, ano da retirada de seus trilhos e da criação do Distrito Agroindustrial de Anápolis (DAIA). Com a desativação da ferrovia e grande parte das indústrias relocadas para o DAIA, a Vila Industrial acabou se tornando uma região subutilizada e à mercê, configurando uma paisagem composta por galpões de importância histórica, contudo, desvalorizados, diversos terrenos vazios e grandes problemas devido à falta de atenção e resguardo do governo local a época de desmonte da ferrovia. Em dicotomia, esse setor se localiza ao lado do bairro Jundiá, construído no mesmo ano (1944) e que atualmente se firma como uma das principais centralidades da cidade.

Como apontado, o bairro Jundiá Industrial possui um vasto acervo no que tange o patrimônio industrial e começou a receber olhares das construtoras, acionando uma contagem regressiva alertando que grande parte dos exemplares que o tornam único, e caracteriza sua paisagem urbana, podem ser demolidos. O grande edifício corporativo “Gênesis”, que está em fase final de construção marca o início dessa nova fase no bairro com um nome bastante sugestivo. Edificações como o antigo Moinho, o qual não possui interesse de seu proprietário, a pequena e desativada Estação Ferroviária e os diversos

galpões que marcam a história industrial e ferroviária da cidade são alvos de alta probabilidade de sumirem da paisagem.

Esse efeito ocorre não somente nos bairros e edifícios já citados, mas em toda a cidade. A não valorização dessas edificações de cunho histórico e relevância patrimonial, como já citados, permeiam por diversas esferas, passando por desde a educação patrimonial à esfera pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E OS BENS ANAPOLINOS

O centro pioneiro da cidade de Anápolis, Goiás, deveria transmitir a identidade da cidade, os primórdios de seu desenvolvimento, porém gradativamente vem perdendo seus exemplares ricos em memória, fato que nas cidades grandes é cada vez mais visível. As transformações nas áreas centrais ou nos centros tradicionais e as repercussões na própria dinâmica urbana evidenciam um enfraquecimento de sua hegemonia (SILVA; VALVA, 2020, p.234). Essas mudanças tão significativas descaracterizam os edifícios, não permitindo conhecer e nem mesmo reconhecer o próprio passado, agora tomado por fachadas comerciais completamente nebulosas. Isso ocorre devido à falta de conectividade das pessoas com seus bens históricos, além de forçar o centro a se tornar, predominantemente, num espaço exclusivo para comércios e negócios, tendo a praticidade como foco e alinhada às medidas exageradas de marketing, sem a menor pretensão de agregar qualidade à paisagem urbana. (VARGAS; MENDES, 2000, p.5).

É relevante ressaltar a necessidade de se conhecer para estar apto a cuidar, seja de bens ou da memória. Uma sociedade que não conhece sua história consequentemente gera ações de abandono e segundo Le Goff (2013, p.477), “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Sem o conhecimento dessa lembrança não se vê necessidade de preservação, e é nesse sentido que se faz necessário um cuidado educacional com a população diante ao patrimônio cultural de uma cidade. (SILVA, 2007, p.24)

Para Le Goff (2013, p.221), a memória estabelece um vínculo afetivo entre as gerações, que se tornam “sujeitos da história”. Anápolis não possui esse sentimento de pertencimento e faz com que a sociedade não tenha claro qual é sua identidade cultural, consequentemente, seus edifícios históricos característicos se tornam irrelevantes para a sociedade, pois não os (re)conhecem, gerando então um progresso incoerente entre o passado e o futuro.

É considerado como suporte para o processo de educação patrimonial museus, monumentos históricos, arquivos, bibliotecas, sítios históricos, vestígios arqueológicos, etc. (SILVA, 2007, p.24). Em Anápolis, os programas que atendem a esse anseio têm-se o Museu Histórico Aldérico Borges de Carvalho na Rua Coronel Batista e a Estação Ferroviária Prefeito José Fernandes Valente (Figura 13), ambos no Centro da cidade. A estação citada só foi considerada um bem digno de ser preservado após muito esforço e restaurada apenas em 2016, antes era completamente apagada pelo emaranhado metálico do terminal de ônibus, gerenciado, na época, pela empresa TCA.



Figura 13 – Estação Ferroviária Prefeito José Fernandes Valente 1944, 2009 e 2020, respectivamente. Fonte: Vídeo Anápolis Ontem e Hoje 1 (1.38) e Arquivo Pessoal.

Embora a Educação Patrimonial seja obrigatória em grades escolares, tanto da rede pública quanto privada, e trabalhadas de forma interdisciplinar e/ou transdisciplinar, como forma de potencializar o uso dos espaços públicos e comunitários como espaços formativos (IPHAN, 2014, p.27), na realidade brasileira é possível afirmar que não há educação patrimonial, se limitando a pequenas discussões nas aulas de Arte em colégios privados. Além disso, apesar da documentação (quando feita) de seus bens, nada garante a sua permanência no tempo, visto que sem educação patrimonial, tanto a nível brasileiro quanto regional/estadual, o bem que não é reconhecido perante a sua

comunidade e sociedade, ele não tem significado²². Colocando em risco um elemento de resiliência que é parte da memória de um grupo e que, segundo Luana Campos, Doutora em Arqueologia, “serve como enfrentamento para alterações significativas e efeitos extremos das alterações climáticas”. Além disso, o patrimônio é criado para garantir a preservação do ser humano e ele é reflexo do local que está inserido, ou seja, como argumenta Ricardo Ambus, “um patrimônio destruído reflete uma população adoecida”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**. 3ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

ARRUDA, Esther Mariano; PEREIRA, Maíra Teixeira. **Casas modernistas em Anápolis**. *Anais 8º Seminário DOCOMOMO Brasil*. Rio de Janeiro: DOCOMOMO, 2009. Disponível em: <<https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/072-1.pdf>>. Acesso em: 25 de julho de 2020.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

CARVALHO, Débora Cristine Guerra de Carvalho. **Análise tipológica: levantamento e categorização de edifícios históricos do centro de Anápolis, GO**. *Anais do III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG (CEPE) – Inovação: Inclusão social e direitos*. Pirenópolis: UEG, 2016. Disponível em: <<https://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/8024/5552>>. Acesso em: 04 de agosto de 2020.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A Dinâmica da Cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

GLEZER, Raquel. **Chão de terra e outros ensaios sobre São Paulo**. São Paulo: Alameda, 2007.

GONÇALVES, Claudiomir Jr. **Anápolis ontem e hoje 1**. Anápolis em Rede. YouTube Vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bOalpBKbc3Q>>. Acesso em: 02 de agosto de 2020.

_____. **Anápolis ontem e hoje 2**. Anápolis em Rede. YouTube Vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GBdn4oAk10A>>. Acesso em: 02 de agosto de 2020.

²² Como nota Moraes, Araújo e Ribeiro (2020), também, nos casos de Jaraguá e São Luiz do Norte, Goiás em: “Memória coletiva: O patrimônio da mineração em Jaraguá e São Luiz do Norte, Goiás”, nos anais do 4º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil / 1º Simpósio Científico ICOMOS-LAC.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos*. IPHAN, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

JUNIOR, Antonio Fernando Cordeiro Guedes. **Entre o tempo e o espaço: cidade e memória social**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo: USP, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300876852_ARQUIVO_Entreotempoespacocidadeememoriasocial.pdf>. Acesso em: 29 de julho de 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

MANSO, Celina Fernandes Almeida; RESENDE, Sandra Catharinne Pantaleão; PEREIRA, Pedro Henrique Máximo; SILVA, Daniela José da. **Patrimônio Cultural Edificado em Anápolis-GO: diálogos entre a arquitetura e a cidade**. UEG: 2011.

MORAES, Richardson Thomas da Silva; ARAÚJO, Lucas Nunes Bastos de; Ribeiro, Ana Amélia de Paula Moura. **Memória coletiva: O patrimônio da mineração em Jaraguá e São Luiz do Norte, Goiás**. Anais do 4º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil / 1º Simpósio Científico ICOMOS-LAC. Anais eletrônicos...Rio de Janeiro: Even3, 2020.

PAULA, Éder Mendes de; SOARES, Murillo Oliveira. **As políticas públicas de preservação e tombamentos dos espaços: breve genealogia da legislação patrimonial de Anápolis**. In. Científic@ Multidisciplinary Journal. N. 4, v. 2. 2017.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ROCHA, Thaíse Sá Freire. **Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF**. Anais do XVIII Encontro Regional ANPUH-MG. Minas Gerais, Julho, 2012.

SILVA, Ana Caroline Caixeta; VALVA, Milena D'ayala. **A modernização da cidade de Anápolis (GO) e a repercussão no seu Centro Pioneiro**. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.12, n.22, Jan/Jun, 2020.

SILVA, Ana Caroline Caixeta. **Do edifício histórico ao espaço urbano: um estudo sobre a Estação Ferroviária no Centro Pioneiro de Anápolis-GO**. Dissertação (Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Goiás. Anápolis, 2019.

SILVA, Kátia Cilene Camargo. **Educação patrimonial: um convite à leitura do patrimônio cultural do município de Anápolis-GO**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2007.

SCRUTON, Roger. **A Plea for Beauty: A Manifesto for a New Urbanism**. American Enterprise Institute, Março 2012. Disponível em: <<https://www.aei.org/research-products/report/a-plea-for-beauty-a-manifesto-for-a-new-urbanism/>>. Acesso em: 28 de julho de 2020.

VALVA, Milena D'ayala; SILVA, Caroline Caixeta. **A fragilidade da preservação em Anápolis**. Revista Nós - Cultura, Estética e Linguagens, v.03 n.02 – agosto / 2018.

VARGAS, Heliana Comin; MENDES, Camila Faccioni. *Poluição visual e paisagem urbana: Quem lucra com o caos?* São Paulo, 2000. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.020/816>>. Acesso em: 26 de julho de 2020.

VARGAS, Lucas Corrêa. *Representações Sociais do Progresso: Uma perspectiva a partir da chegada da estrada de ferro em Anápolis-GO*. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2015.

